

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, AGOSTO/2017 - ANO XXI - Nº 247

EDITORIAL

Paira no cenário político brasileiro uma crise sem precedentes. A falta de patriotismo de nossos parlamentares envergonha todo cidadão preocupado com os destinos do Brasil.

As dificuldades por que hoje passa o país são fruto da ambição desmedida de nossos homens públicos que se corromperam. Parlamentares fazem de tudo para permanecer no poder. Visando a interesses próprios, buscam apoio e segurança junto ao governo federal. Para isso, submetem-se à articulações abjetas e conchavos desprezíveis. Em nome de uma pretensa governabilidade, deputados uniram-se em torno de uma base parlamentar que apoia o atual governo, cada vez mais desacreditado e cercado por corruptos. Essa difícil situação política vem empurrando o país para uma crise econômica sem precedente.

Enquanto o país caminha para a insolvência, parlamentares fazem-se de surdos e ignoram a população, que clama por mudanças.

Falta a nossos políticos admitir seus erros e práticas ilícitas. Há que se mudar diretrizes, ideológicas ou conceituais, visando ao bem da Nação. É triste para o cidadão constatar que a corrupção que assola o Brasil desestabiliza a credibilidade do país, macula grupos sociais e mancha políticos e civis de todos os escalões envolvidos em articulações tramadas por nossos representantes.

Espectadores que somos do deprimente espetáculo teatral no parlamento brasileiro, sofremos ao constatar que os atores em cena se mostram cada vez mais inexpressivos, não correspondendo ao papel a que foram sufragados pelas urnas. O cidadão não mais se sente representado por esses parlamentares.

A gravidade do momento nacional é uma ameaça ao Estado Democrático de Direito, pois crescem o descrédito e o desencanto com a política e com os poderes da República, que se distanciam das justas aspirações da população.

A situação é séria e levará anos para mudar.

Um político que se pretende estadista deve se desapegar de interesses pessoais e ter os olhos voltados para a Nação. Precisamos, portanto, formar uma geração de verdadeiros estadistas voltados ao bem da nação, que tenham como objetivo maior adquirir conhecimentos, despojamento e maturidade política. Políticos assim galgariam degraus de patriotismo e aprenderiam a coexistir com a ainda inevitável corrupção, combatendo-a, sem com ela se macular. Transformar-se-ia, então, no verdadeiro e necessário líder que o país tanto precisa.



Foto Arquivo Pro-Memória

Em Piquete, a floresta pertencente à FPV mantém, em ótimo estado de conservação, significativo fragmento de Mata Atlântica. Há ainda, porém, muito a ser feito no município, como, por exemplo, um programa para recompor encostas e áreas degradadas.

Paisagens mantiqueiras

A diversificação de paisagens proporcionada pela Serra da Mantiqueira enche os olhos de beleza e acalenta o coração de todos que visitam Piquete.

De qualquer canto da cidade, o matizado azul impregna as retinas de luz e cor. A serra é um estímulo à contemplação. São inúmeras as paisagens serranas no município que oferecem ao observador satisfação estética, recreativa e espiritual, além de ser objeto para fins educacionais e científicos.

Ao longo do tempo, o acelerado e contínuo processo de expansão urbana causou danos irreparáveis a esse patrimônio ambiental. A Mantiqueira, marco paisagístico natural, perdeu grandes áreas da cobertura vegetal atlântica e, conseqüentemente, parte significativa de sua biodiversidade. No entanto, ainda são encontrados no município fragmentos significativos dessa floresta que precisam de cuidados constantes e proteção contra o fogo, o desmatamento e ocupação irregular de terras que são área de proteção.

A perda da biodiversidade e a acelerada fragmentação dos ecossistemas levaram à constatação de que a conservação da biodiversidade não pode ficar restrita às unidades de conservação, muitas vezes constituídas de pequenas “ilhas” de vegetação natural.

Para encontrar soluções para os impactos negativos decorrentes da fragmentação e insularização da floresta, os pesquisadores da ecologia aplicada desenvolveram um arcabouço conceitual que considera também os ambientes modificados vizinhos aos fragmentos de vegetação original. A Biologia

da Conservação e a Ecologia da Paisagem demonstraram que o tipo e a qualidade da matriz onde os fragmentos estão localizados irão influenciar na sustentabilidade para as diferentes espécies que vivem nos fragmentos e na própria matriz.

Baseado neste conceito, desenvolveu-se o modelo de planejamento biorregional “Corredor Ecológico”. Hoje, nos municípios onde a questão ambiental é priorizada, a recuperação da paisagem e a implementação de corredores estão sendo efetivadas. Com isso, além da recuperação do solo degradado, da contenção da erosão, da preservação de nascentes, observa-se o retorno de pássaros e de outros animais. Adicionalmente, as florestas plantadas concorrem para a melhoria do clima, além de emprestar novo visual às áreas degradadas.

Em Piquete, a floresta pertencente à FPV e suas adjacências mantêm significativo fragmento de Mata Atlântica, que se encontra em ótimo estado de conservação. Há muito a ser feito no município. Um programa para recompor as áreas de pastos, constituídas de campos empobrecidos pela falta da cobertura vegetal nativa, e que todos os anos são calcinados por incêndios criminosos, está à espera de ser elaborado. Sabemos que é tarefa hercúlea. Mas é exequível. A cidade, que apresenta uma coleção de paisagens singulares, só enriquecerá com tal iniciativa. Recuperar nossa paisagem se faz necessário. A Mantiqueira é um patrimônio, riqueza de todos os amantes da natureza.

Imagem - Memória

Foto Arquivo Pró-Memória



19 de agosto: Dia Mundial da Fotografia

Deixar-se fotografar foi a maneira com que o homem conseguiu capturar em imagem o instante, eternizando-o, de maneira a ser visto e lembrado por sucessivas gerações.

A segunda metade do século 19 acordou com a proliferação de uma invenção que marcou o advento de um novo tempo. A pequena caixa de madeira criada por Louis Maudé Daguerre, em 1839, conseguiu realizar um sonho desejado há milênios. O homem conquistava um novo passo para a eternidade. Após séculos de tentativas, dominava a dinâmica da reprodução do real.

Durante o século 19, enquanto a Europa passava por profundas revoluções nos universos artístico, cultural e intelectual, e mesmo na essência humanística, no Brasil o invento de Daguerre era recebido com outra conotação.

Poucos meses se passaram desde a tarde de 19 de agosto de 1839, quando a invenção foi consagrada em Paris, para que a fotografia chegasse ao Rio de Janeiro, em 16 de janeiro de 1840, trazida pelo Abade Louis Compte.

Afastado geograficamente das metrópoles, o estágio de desenvolvimento do país era inferior ao das metrópoles europeias. As novidades aqui eram muito bem recebidas, tornando-se moda num prazo bem curto de tempo. Os debates na Europa em relação à validade ou não da fotografia enquanto manifestação artística, comparada à pintura, não encontrariam espaço no Brasil durante as primeiras décadas. A sociedade brasileira do período do Império estava mais preocupada em usufruir da nova técnica, conhecida, até então, teoricamente, apenas em se deixar

fotografar do que em refletir sobre os aspectos artísticos e culturais do novo invento.

O Brasil daquela época, agrário e escravocrata, tinha sua economia voltada para a cultura do café, visando exclusivamente ao mercado externo e dependendo dele para importação de outros produtos. A sociedade dominante ainda cultuava padrões e valores estéticos arcaicos, puramente acadêmicos, já ultrapassados em seus respectivos países de origem. Aqui só seriam questionados e combatidos com a Semana de Arte Moderna de 1922.

Os senhores do café e a sociedade como um todo tinham uma visão de mundo infinitamente estreita e só poderiam conceber a fotografia como mágica divertida.

Em 21 de janeiro de 1840, Compte daria demonstração especial para o Imperador D. Pedro II, registrando aspectos da fachada do Paço e vistas ao seu redor. Estes e muitos outros originais se perderam. Já em novembro daquele ano surgiram os primeiros classificados de equipamentos fotográficos na Rua do Ouvidor.

Desde o dia em que Compte registrou as primeiras imagens do Rio de Janeiro, D. Pedro II, com menos de 15 anos de idade, se interessou pela fotografia. Tornou-se colecionador e mecenas da nova arte. Trouxe os melhores fotógrafos da Europa, patrocinou grandes exposições, promoveu a arte fotográfica brasileira e difundiu a nova técnica por todo o Brasil.

Por mais paradoxal que seja, foi justamente nesse cenário que o Brasil disparava à frente das grandes metrópoles europeias.

Já em 15 de agosto de 1832, era desco-

berta a fotografia no interior do estado de São Paulo: a quase inexistência de recursos para impressão gráfica daquela época levou Hércules Romuald Florence, desenhista francês radicado no Brasil, a realizar pesquisas para encontrar fórmulas alternativas de impressão por meio da luz solar.

Natural de Nice, Florence chegou ao Brasil em 1824 e durante os 55 anos que aqui viveu, até sua morte, na antiga Vila de São Carlos – atual Campinas –, dedicou-se a uma série de invenções.

Durante a década de 1830, Florence deu sentido prático à sua descoberta, que ele próprio denominou “Photografie”. Imprimia fotograficamente diplomas maçônicos, rótulos de medicamentos, bem como fotografava aspectos de sua Vila desde 1832, isto é, cinco anos antes do inglês John Herschel, a quem a história atribuiu o mérito de ter criado o vocábulo. Em 1833, Florence aprimorou seu invento e passou a fotografar com chapa de vidro e papel pré-sensibilizado para contato. Foi o primeiro a usar a técnica “negativo / positivo”, até hoje empregada. Enfim, totalmente isolado, contando apenas com seus conhecimentos e habilidades, e sem saber das conquistas de seus contemporâneos europeus Népece, Daguerre e Talbot, Florence obteve em terras brasileiras o primeiro resultado fotográfico da história. A fotografia ganhou o gosto popular e fotógrafos passaram a percorrer o interior divulgando o novo invento.

Foto do início do século 20: Família Arantes: ? - Luiz Arantes Júnior - Francisco Ribeiro (em pé) - ? - Ana Rosa da Encarnação - Maria da Encarnação - Azer Arantes. Não temos a identificação das crianças no colo e à janela.

GENTE DA CIDADE

Jair Martinez

Perto de completar 86 anos, Dona Jair está ciente de suas limitações. Nem por isso deixa de dar sua contribuição para a sociedade. Demonstra, assim, sua força de vontade de conviver com a família, de celebrar a vida e de dar amor ao próximo.

Nascida à 18 de outubro de 1931, a paulistana Jair Coelho de Souza Martinez é a filha mais velha do casal Domingos Coelho de Souza e Gioconda Graziano de Souza. Tem um irmão. A infância foi passada em São Paulo e foi lá também que estudou. Cursou a Escola de Educação Doméstica, na qual tinha aulas de “costura, de como arrumar bem uma cama, como varrer uma casa...” durante a manhã e, à tarde, as “matérias normais”, conta. “A escola era conduzida por irmãs religiosas. Muito rígidas”, ressalta.

Quando terminou o equivalente ao Ensino Médio de hoje, não quis continuar os estudos. O pai, então, disse que teria que trabalhar. E foi o que fez: com a ajuda do pai, funcionário da Companhia de Gás, ingressou na empresa e foi ser escriturária. Num dia de trabalho, “esperando o bonde no ponto”, viu passar um jovem e trocaram olhares. Tomou o seu transporte para casa e a amiga Carmelita, que ficara aguardando a sua condução, teve de responder ao rapaz quem era a jovem que a acompanhava. Esse jovem era Edison Martinez... Ali começou um namoro que evoluiu para o casamento, três anos mais tarde, em 26 de maio de 1951. “Foi um namoro de dentro de casa, sempre acompanhado por alguém... Meu pai era muito severo”. Jair e Edison tiveram três filhos que lhes deram cinco netos.

Militar, em 1957 Edison foi transferido para trabalhar em Piquete, atuando como radiologista no Hospital da FVP. “Era um espetáculo a estrutura do Hospital. Por lá passaram muitos médicos excelentes”, destaca Jair.



Logo que chegaram foram morar na rua cel. Luiz Relvas e fizeram as primeiras amizades, que perduram até hoje, passando pelas gerações das famílias de Dona Filomena, “mãe da Edmeia do Pipi”, Vera Meireles, Aninha do Lau, Tereza do Hugo... Acompanhando a vida peregrina de militar do marido, Jair morou, ainda, em Campo Grande, no Mato Grosso, voltou para Piquete, depois São Paulo e Sorocaba... O casal nunca deixou, porém, de estar em Piquete, em função dos muitos amigos que fez e da filha Carmem Sílvia, que aqui se casou... Na primeira metade da década de 1980 Jair e Edison retornaram definitivamente para Piquete e aqui fixaram raiz... Ficaram casados até 2012, quando Jair ficou viúva.

Em Piquete, Jair foi voluntária na Liga Piquetense de Combate ao Câncer por cerca de vinte anos, e na Oficina Santa Rita, por mais de dez anos. Para ambas as entidades foi levada pela comadre Vera Meirelles.

Uma senhora de cabelos grisalhos, educada e sempre sorrindo... Assim podemos descrever Jair Martinez, que hoje mora com a filha.

“Estou convencido de minhas próprias limitações – e esta convicção é minha força”, teria dito Mahatma Gandhi. Dona Jair demonstra sua força: mesmo passando a maior parte do tempo em casa, não deixa de contribuir com a Oficina Santa Rita produzindo delicados sapatinhos de tricô. “Nossas instituições precisam do apoio dos mais jovens... Lembro-me do tempo em que comecei a ajudar na Oficina Santa Rita e faltavam cadeiras para todas as voluntárias... Na Liga de Combate ao Câncer, houve renovação, mas nossos pacientes são muitos; é preciso muita ajuda mais...”. Que o exemplo de espírito cidadão e solidário de dona Jair Martinez inspire muitos voluntários!



Uma escola para chamar de nossa

Laura Chaves

De maneira geral, toda escola brasileira tem um Projeto Político Pedagógico (PPP), ao menos no papel e em cumprimento a uma exigência formal. Nesse documento, na primeira página é comum se encontrar um pensamento de Paulo Freire e, ao final, um pensamento de Rubem Alves, ou vice-versa. Mas, na prática, os projetos são esquecidos e cada professor faz o que julga melhor e, geralmente, na melhor das intenções.

Ao folhear os PPPs, pode-se dizer que há um padrão. Nas concepções, a grande maioria das escolas se autodenomina construtivistas, interacionistas e pós-modernas. Citações e mais citações, sem a devida conexão, revelam uma verborragia pedagógica incompreensível aos pobres mortais e, talvez, até mesmo aos professores. O pior é que as escolas investem tempo na construção desse documento; às vezes, até pagam quantias significativas a um algum especialista para dar conta do trabalho.

O movimento que hoje se apresenta e que se impõe é o de criar um projeto real de escola. Gestão, professores, alunos e funcionários precisam de uma escola para chamar de sua. Uma escola em que o PPP seja o norteador das decisões curriculares (sobre o que ensinar), das escolhas metodológicas, das formas de avaliar e de gestar o pedagógico, com os pés no chão, sem romantismo e ideologias.

Um PPP não é um documento nos moldes de uma monografia, com vasto referencial teórico. Ele é um documento e também um movimento de gestão pedagógica. O Projeto tem que ajudar a construir a identidade da escola. Quando o PPP é real, qualquer professor, se questionado, saberá explicar sobre o percurso formativo, sobre as formas de ensinar e de avaliar, próprias da escola e colocadas em prática por toda a equipe docente.

Por fim, imagino que os leitores concordam comigo que a expressão uma escola para chamar de nossa pode substituir com propriedade as verborragias pedagógicas em nome de uma escola real, concreta e eficiente no cumprimento de suas atribuições.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Professor Luiz de Castro Pinto, 22

Tels.: (12) 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

Chiquinho Máximo

(Francisco Máximo Ferreira)

Escrevo esta memória para lembrar “seu” Chiquinho Máximo, meu avô paterno, eminente mestre de música e conhecido por todos na cidade por seus ouvidos apurados. Ele, exímio flautista (era músico de formação em flauta transversal), exercia as funções de mestre-capela na antiga Matriz de São Miguel, no então chamado coro (hoje usa-se mais a palavra coral). Os componentes contavam com Dona Maria Eufrásia ao órgão – as mãos elegantes dedilhando as teclas, cujas cordas sonoras harmonizavam as vozes, em geral de missas em latim, que poucos entendiam, mas costumavam achar bonitas e solenes. Entre os cantores, Lily Couto, filha da organista, e Maria de Lourdes Ferreira (Mariquinha), minha tia. Eu, mais tarde, estudando latim no Ginásio da FPV, dispunha-me a fazer parte do conjunto pensando entender as palavras desse idioma básico de nossa

linguagem portuguesa (uma neolatina). Entusiasmavam-me as aulas de Dona Maria del Pillar, nossa mestra, profunda conhecedora do latim, que se aventurava e insistia em nos fazer ler César, Virgílio e outros clássicos, para nos preparar para os usos gramaticais, sintáticos e as análises, verdadeiros “dragões” a nos desafiar. E, quanto maior o desafio, maior o prazer... Mas estou escapando do meu foco; meu avô, artesão de qualidade que sabia trabalhar com as finas palhas das cadeiras austríacas, as Thonet, referenciais numa sala de visitas da elite proprietária de terras e bens. Cultivava as etiquetas e as ensinava aos netos, nós que queríamos correr pelas ruas, ver a passagem das boiadas nas poeiras do sol quente, catar “patinhas”, isto é, pequenos bagos em forma de meias-luas juntos aos quais assobiávamos uma melodia gostosa (na verdade um chiado) e catar coquinhos, pinhões das araucárias na serra e frutas no mato, nas árvores, buscar águas nas minas e correr muito morro abaixo, morro acima...

E vovô nos chamando a atenção pelas cavalgadas casa adentro no velho casarão de piso de tábuas largas (algumas rangiam). Ou então parávamos repentinamente segurando o fôlego para não acordá-lo de seus cochilos na cadeira de balanço. Uma cadeira macia e aconchegante que eu cultuava e onde só me sentava com respeito e veneração.

Meu avô me ensinava solfejo, afinava a voz e me fazia respirar nos momentos certos. Tolerava-me como parceira de jogos de damas, mas tinha seus parceiros preferidos, melhor categorizados.

Bom conhecedor das matas piquetenses, seu Chiquinho Máximo era caçador competente. Possuía bela espingarda guardada em estojo de veludo. Já não praticava essas excursões. Somente guardava tudo com carinho. E narrava suas experiências.

Deu-me meus primeiros livros: autores clássicos, Alexandre



Herculano (“Eurico, o Presbítero”), Tolstói (“Almas mortas”) e outros. Assinava jornais e revistas importantes, entre elas uma editada nos Estados Unidos, em português: “Em Guarda” (A tradução era de João de Deus, que estava no Havaí, militar com a Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra, depois promovido a general, meu grande amigo, falecido com 104 anos). Outra revista cultural de grande aceitação pelo público letrado – o almanaque “Eu Sei Tudo” – era o que hoje é o Google, o informativo geral. Ótimo, eu adorava ler de ponta a ponta. Além das revistas e jornais que eu era encarregada de pegar todas as tardes nos Correios. E, de tanto decifrar as letras fui me alfabetizando com recorrentes perguntas ao avô, torturando-o de tanta curiosidade. Ah! Como me encantavam aquelas letras, principalmente as maiores, sedutoras!

Letras maiúsculas, depois me ensinariam.

Chiquinho Máximo gostava de estar bem informado desde as plantas medicinais aos acontecimentos do mundo. Assim, além e ler muito ouvia o rádio. Escutei com ele a declaração de guerra do Brasil à Alemanha e ao Japão. Muita gente foi se certificar com ele e mulheres choravam pelo medo de seus filhos e maridos serem convocados para a guerra. Foi, afinal, uma decisão tomada por Dutra, Ministro da Guerra de Getúlio Vargas, do qual João de Deus era assessor. Trabalhou no gabinete dele como oficial categorizado. Ouvi dele algumas vezes a imitação da fala de Dutra para encaminhar o que se chamou Força Expedicionária Brasileira. Enfim, uma história que não cabe aqui, mas que merece ser conhecida.

Pois bem! Seu Chiquinho Máximo foi fazendeiro, mestre da Fábrica, músico e artesão metucioso. Fazia com as mãos hábeis pequenos objetos, dentre eles uns de madeira e de bambu, que, soprados, imitavam pios de pássaros. Fascinava-me vê-lo manusear tanta coisa preciosa. Mas há muito o que comentar sobre ele. Vou refazendo aos poucos.

Na cadeira de balanço ou andando pela casa, as mãos para trás, sussurrando baixinho algumas notas musicais, os ouvidos atentos aos trinos dos pássaros, ao canto das siriemas, aos ruídos, às vozes, lá ia Chiquinho Máximo, meu grande amigo que assisti morrer. Segurei-lhe as mãos e fui chorar no quintal.

Dóli de Castro Ferreira

Na foto, de 7 de Setembro de 1929: Seu Chiquinho Máximo ao lado de sua filha, Maria de Lourdes Ferreira (Mariquinha), Adília Guimarães e ?.

“A arte de um povo é a sua alma viva, o seu pensamento, a sua língua no significado mais alto da palavra; quando atinge a sua expressão plena, torna-se patrimônio de toda a humanidade, quase mais do que a ciência, justamente porque a arte é a alma falante e pensante do homem, e a alma não morre, mas sobrevive à existência física do corpo e do povo.”

Iev Turgueniev

A nebulosa fascista

Frente à crise econômica e às respostas incertas dos governos, em todo o mundo têm ganhado corpo os movimentos políticos de extrema-direita. A retórica violenta da qual se valem para atacar imigrantes e outras minorias transbordou a esfera da linguagem e se transformou em atentado físico no sábado, 12/08, em Charlottesville, cidade americana da Virgínia. Armados, militantes de um grupo neonazista atacaram ativistas antirracismo num episódio que culminou com a morte da jovem Heather Heyer, que protestava contra o grupo.

Ao contrário do que possa parecer, o fascismo não é um uma expressão política relegada ao passado. Por ocasião dos 50 anos da libertação europeia, em 1995 o escritor italiano Umberto Eco leu, na Universidade de Columbia, um discurso por ele elaborado. “Ur-fascismo”, ou “Fascismo Eterno”, insistia num ponto: para além da ideologia e das circunstâncias históricas, há no fascismo uma maneira de “pensar e agir”. Segundo Eco, basta que uma dessas maneiras esteja presente para que uma nebulosa fascista se crie. Num esforço didático, Eco condensou tais elementos em catorze pontos, que reproduzo com adaptações abaixo:

1. O culto à tradição. Numa espécie de nostalgia radical, rememora-se um suposto passado idílico, no qual os direitos eram garantidos e os deveres, respeitados.

2. Como consequência do culto ao passado, há uma recusa da modernidade. Valores

como a liberdade e a igualdade são vistos com desconfiança, especialmente quando instrumentalizados para a conquista de direitos por grupos minoritários.

3. O irracionalismo é uma regra. Há uma suspeita constante em relação ao mundo intelectual e ao senso crítico, vistos como subversivos e opositores às ideias tomadas como verdades.

4. Recusa às críticas. Frente à incapacidade intelectual de compreender os preceitos nos quais se fundam a democracia, o debate político é tratado como uma arena de batalha na qual o adversário deve ser exterminado.

5. Racista por definição. Melhor dizendo, há uma recusa pelo diferente. Todos aqueles que não se enquadram no padrão dado como o correto são vistos como desestabilizadores, fulcro de corrupção

6. A frustração individual ou social está na base desse movimento. Frente à incapacidade de lidar com os impasses seus e da sociedade, buscam no movimento uma catarse, uma expiação violenta das frustrações.

7. A obsessão pelo complô e a busca por um inimigo externo. Estão sempre prontos para denunciar aqueles vistos como opositores.

8. Os adeptos devem sentir-se humilhados pela riqueza ostensiva e pela força do inimigo. Nesse campo, não há limite moral para a fabricação de mentiras a respeito dos opositores.

9. Vida para a luta. Pacifismo como conluio com o inimigo.

10. “Elitismo popular”. Abandona-se o indivíduo e seus direitos, passando a ser o grupo, e tão-somente ele, o elemento relevante.

11. Cada um é um herói na luta contra o inimigo.

12. Transferência da sua vontade de poder para questões sexuais, com constante tentativa de se fazer impor através de comportamentos como o machismo e a homofobia.

13. O Fascismo baseia-se em um “populismo qualitativo”. Fabricam-se supostas “vontades gerais” a partir de expressões fundadas no apelo emocional.

14. A existência de uma “nova língua”, repleta de termos simplificadoros e epítetos capazes de sintetizar a mediocridade desse pensamento.

O essencial desses catorze pontos é saber que o fascismo não é mera obra de lunáticos manipuladores, mas, sim, expressão desastrosa de pessoas comuns que se veem desorientadas por contextos de crises e frustrações. A denúncia incessante dos comportamentos pertencentes a essa nebulosa e o combate dos líderes que a defendem é uma tarefa civilizatória. Não esqueçamos Brecht: “A cadela do fascismo está sempre no cio”, inclusive no Brasil.

Rafael Domingues de Lima

O Bafo do Dragão

Todo mês o nosso querido Laurentino, o ‘Kiko’, me cobra um artigo para “O Estafeta”. Em geral tenho alguns textos, crônicas, pensamentos ou reflexões prontos que envio imediatamente. Esse mês, apesar de ter alguns textos alinhavados, fiquei ‘meditabundo’. Minha cabeça anda preenchida por todas essas mazelas que assolam o Brasil e perdi o rumo para onde apontar meu canhão. É esse Congresso corrupto, corrompido e de corruptores, é esse Executivo que perdeu a vergonha há tanto tempo, é ver a fome voltando ao país depois de quase ser erradicada... Tanta coisa, que parece que entrei em um nevoeiro de maldades que fica a me envolver todos os dias. Mas de tudo o que vi e vejo, nada me enoja mais do que a intolerância que está jorrando diuturnamente no mundo. Por isso preciso voltar a ela nesse artigo.

Vejam o caso de Charlottesville, no estado da Virgínia, nos Estados Unidos, onde aparecem neonazistas proclamando a supremacia branca. Vejam o caso do Rio de Janeiro, onde um bando de aloprados evangélicos – que certamente não refletem nenhum pensamento cristão ou das denominações verdadeiramente evangélicas – exibiam faixas e cartazes contra muçulmanos chamando-os de assassinos, pedófilos e terroristas. Vejam o caso da manifestação neonazista em São Paulo em apoio aos brancos americanos e a um determinado pseudocandidato a Presidente da República. Vejam o ataque ao templo religioso de Umbanda e Candomblé Hermínio Marques, em Arara-

quara. Vejam ainda o ataque a 30 templos de religiões africanas em Teresina, no Piauí. Ou vejam o pastor que, jocosamente, colocou o manto usado nas imagens de Nossa Senhora em uma garrafa pet para ironizar o culto católico à santa. Vejam, ainda, os padres católicos que ironizam as religiões afro ou as evangélicas porque pensam diferente, escrevem livros ou fazem sermões atacando quem pensa diferente. Todos os relatos e notícias são de alguns dias e não são poucos. Tudo isso vem se constituindo em um monstro que se ergue lentamente da lama suja do preconceito. Essa lentidão, porém, se acelera dia a dia. Atos e palavras de políticos inconsequentes como os dois presidentes (de 5 letras que começam com ‘T’), ministros que deveriam tratar da paz e do respeito, deputados verborrágicos e apresentadores de jornais sanguinolentos são catalisadores nessa mistura explosiva. De certa forma aceitamos, nos calamos ou até mesmo achamos bonito. Desde que seja por aquilo que penso contra o pensamento do outro. Foram-se embora o respeito e a diversidade. Os princípios do Iluminismo que converteram a Europa e o mundo em algo aceitável e arrancou definitivamente o povo da idade das trevas são jogados no lixo todos os dias. O que me entristece mais ainda é olhar a imagem do povo brasileiro que se envolve nessas loucuras. Negros e pardos se misturam aos neonazistas (cabe aqui um bilhão de interrogações), os cartazes contra muçulmanos trazem erros grosseiros de português e chamam o profeta de ‘mal-o-

mé’ (intencionalmente ou não!), mulheres se unem a apoiadores de movimentos antifeministas e dão seu voto a candidato machista. Verificam-se até mesmo homossexuais que declaram sua preferência por políticos homofóbicos.

Nos meus pensamentos somente um fato explica isso tudo: ignorância no sentido educacional e religioso da palavra. Está faltando estudo de história do mundo para se entender o nazismo e o fascismo, suas bases e sua origem. Falta entender o que é democracia e o que são os regimes democráticos e totalitários (de direita e esquerda). Falta educação para inclusão e civismo. Falta entender de verdade o que dizem os livros mestres das religiões (Alcorão, Bíblia etc). Falta até mesmo respeito aos sacrifícios dos grandes líderes do passado que deram a vida pela igualdade, liberdade e fraternidade – somos iguais, somos livres e somos irmãos. A verdade do passado tem se tornado uma lembrança tênue. Esquecida e não ensinada. Pouco ensinada e sequer aprendida. O ensino de história e filosofia é jogado para segundo plano. Nessa bruma que oculta a verdade, cada um enxerga a sua. Os espertos manipulam os fatos a seu favor. Os ignorantes, sem saber onde tudo isso vai parar, aceitam “testar” qualquer ideia. Essa sopa pegajosa em que o Brasil e o mundo mergulharam causa-me náuseas. Nós precisamos mudar isso! Você precisa mudar isso, mudando você mesmo! Ou, então, sinta o bafo do dragão que se levanta.

Luiz Flávio Rodrigues

Crônicas Pitorescas

Brigite

Palmyro Masiero

A madame esperava visitas na parte da manhã, que amanhecera com uma garoinha chata, das que encharcam sem molhar. Os chegantes, velhos conhecidos, vinham de outra cidade com destino ao litoral e dariam uma passadinha em sua casa para urna rápida matação de saudade. Mas quando ela entrou na sala, notou que a empregada sequer havia chegado até ali. Permanecia corno ficara da noite anterior: cinzeiros grávidos de bitas e cinzas, almofadas esparramadas... Virou uma fera e gritou:

– Brigitte! Por que diabos você não limpou a sala ainda?

– Desperdício, patroa... Vai chegar essa gentarada aí, demorar pouco, e com esse tempo feio vai sujar tudo de novo. Nem carecia limpar... Quando puxarem o carro, eu limpo...

Brigite estava na casa havia muito tempo. Uma negrinha simpática, comunicativa, enturmada, e que, além de dar duro no serviço, dava umas duras no patrão, na patroa e nos filhos quando algum processava qualquer ato de desleixo. Assistia novela na sala, embora tivesse sua própria TV e discutia os problemas ou participava da vida dos familiares como se dela fizesse parte. Anos atrás, chiavam pelos seus palpites não solicitados; atualmente, é membro da confraria. Com ela, tudo andava em ordem, na hora, à mão. Brigitte era suplemento e complemento da família. Se saísse – coisa que ninguém ousava pensar – deixaria um corpo aleijado.

Voltando à sala, a patroa, ela mesma, fula da vida, dera umas vassouradas rápidas na local e quando pensava em esvaziar cinzeiros, um carro buzinou: eram os visitantes. Uns acertos nas almofadas enquanto se dirigia para recebê-los. Beijos, abraços e vamos entrar e nos sentar... Do sorriso forçado saíam mil desculpas pela casa estar desarrumada... Todos se deitaram tarde... A empregada tivera que sair... Mentirinhas esfarrapadas que não pegavam nenhuma reparedeira de calça-curta. Conversaram cerca de uma hora, tomaram cafezinho servido por Brigitte e por fim despediram-se.

Sozinha na sala, a madame estava um caqui maduro de vergonha. Vingar-se-ia da Brigitte, ela veria! Brigitte cantarolava na cozinha preparando o almoço. E foi nessa hora mesmo que a vingança da patroa achou

brecha. Comida pronta, Brigitte aprontou a mesa com esmero, como sempre, e o patrão, a patroa e os filhos destes regalar-se-iam com as iguarias. A negrinha cozinha como mestre-cuca francês. Após a sobremesa e o café, retiraram-se da sala de jantar e Brigitte arrumou seu prato, colocou-o na mesa da copa e, quando se preparava para comer, a madame pediu licença, apanhou o prato e mandou seu veneno:

– Para que vai almoçar?

Porque estou com fome e tá na minha hora, ora!

– Desperdício... Daqui a umas, duas horas você vai sentir fome novamente. Logo é besteira comer agora! – E guardou o prato no forno do fogão.

Brigite ficou meio sem ação ante um ataque de guerrilha tão surpreendente, mas foi só a patroa virar as costas e ir para sua sesta que ela traçou seu rango tranquilamente. Continuou seu trabalho, cantarolando, e umas horas depois foi atender a dona da casa que a chamava. Antes da mulher dizer o que desejava, Brigitte pôs a língua em funcionamento?

– Sabe, patroa, a senhora tem razão. Não vou dizer que estou com outra fome porque é a mesma, mas seria desperdício comer àquela hora. Cheguei à conclusão da desnecessidade de lavar pratos do almoço porque serão sujos no jantar; de arrumar as camas se à noite serão desmanchadas; de passar roupa, se serão amassadas; varrer e limpar a casa, outra bobeira, porque ninguém segura o pó mesmo... A senhora está certa. Vai sobrar bastante tempo pra nós curtirmos televisão juntas.

A mulher na cama estava estática, abobalhada. Na hora passou por sua cabeça despedir a negrinha petulante; mas esta solução seria um desastre! Onde encontraria outra de tanta confiança e tão confiada quanto ela? Por fim, conseguiu falar:

– Brigitte, aquilo da comida foi brincadeira... Coma à hora que você quiser...

– Patroa, a senhora é gente fina, é joia. Eu nem dei bola pro que fez... Já almocei, já lavei tudo, a cozinha está arrumada, a roupa está passada, a sala tá brilhando, o dia melhorou... Mas manda logo o que é que a madame quer, que tá na hora do Caso Verdade, e essa série eu não perco!

Basta ser honesto?

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Todos os meses, ao menos por duas vezes, tenho o privilégio de receber uma aula particular sobre temas diversos com dona Abigayl Lea, articulista deste informativo: quando peço e quando retiro seu artigo. São oportunidades para nos sentarmos à varanda e conversar... As lições são várias.

Neste mês, estávamos em minha “audiência de retirada de texto” e falávamos sobre políticos de nosso país. Sempre crítica, D. Abigayl me afirmava que, para ela, todo aspirante a um cargo público deve ser honrado, competente e equilibrado. Enquanto discorriamos, usei o termo “honesto”. De pronto, ela me chamou a atenção para a distinção que faz entre o honesto e o honrado.

Em sua avaliação, *honesto* é aquele que age corretamente, mesmo contrariando os próprios interesses. Já o honrado, para ela, além de ser honesto preocupa-se com o próximo; jamais tomaria uma atitude, ainda que lhe de direito e dentro da lei, se ela prejudicasse alguém ou um grupo qualquer.

Baseado nessa observação, senti-me ainda mais impotente frente ao destino de nosso país. Fiquei pensando: nossa esperança é garantir um Congresso de qualidade a fim de que os rumos do Brasil sejam decididos visando ao bem da população. Para tanto, se já era difícil encontrar candidatos honestos (nem vou falar aqui de competência e equilíbrio...), imaginem agora, um candidato honrado.

Os encontros que tenho com D. Abigayl Lea me são enriquecedores. Admiro-a pelo conhecimento, pela cultura, educação e, acima de tudo, pela sabedoria. Seus comentários e textos, tomo-os como conselhos e parâmetros do meu agir. Encantam-me sua linearidade de pensamento, a clareza e a objetividade. Na experiência de vida que ela tão gentilmente compartilha comigo baseio muitas de minhas atitudes. Ficou-me, então, mais difícil confiar em políticos estridentes, que trocam ameaças e cuspe em plenário, que demonstram tamanha incompetência e falta de aptidão para legislar (e agora não vou nem falar em honestidade...). Ao votar, irei me lembrar, sempre, da trilogia por ela pontuada.

Basta, portanto, ser honesto, meus amigos? Não! Não basta!

Sejamos honrados em nossas atitudes! A competência, adquirimos, em maior parte, nos bancos escolares, e a aprimoramos ao longo da vida, assim como o equilíbrio, fruto do autoconhecimento. Já a honradez vem do berço, de nossa família; está arraigada em nossos valores. Não tem relação com riqueza ou pobreza, mas com nobreza de caráter.

Para sermos políticos ou cidadãos, portanto, sejamos mais do que honestos, sejamos honrados! Piquete, o Brasil e o mundo seriam, certamente, muito melhores se todos buscássemos em nós mesmos e em nossos representantes honradez, competência e equilíbrio.

“A cultura não deve sofrer nenhuma coerção por parte do poder, seja o político ou o econômico. Ao contrário, deve ser ajudada por um e por outro em todas as formas de iniciativa pública e privada, conforme o verdadeiro humanismo, a tradição e o espírito autêntico de cada povo.”

São João Paulo II



Foto Nelson Favorito (Arquivo Pró-Memória)

A outra face do martírio

Há pouco, os cristãos católicos comemoraram, com grande proveito para a espiritualidade, as virtudes de um mártir da fé – o diácono Lourenço.

Desde a morte de Jesus Cristo, percebemos que à virtude do que se entrega ao sacrifício se juntam a prepotência, o fanatismo e a covardia.

Para haver um mártir faz-se necessário um homicídio.

De onde veio o conhecimento que permitiu aos sábios de Alexandria sacrificar Catarina?

Hoje, estamos diante de uma questão ainda mais grave: o mártir suicida, o suicida adolescente.

Uma fonte inglesa nos informa do processo de formação de um “anjo”, de um mártir do Islam.

Os adolescentes passam por uma verdadeira lavagem cerebral, onde praticamente são transferidos para a vida além da morte com todas as suas recompensas.

São estes os que viram bombas humanas, os que se matam e matam inocentes

pretendendo apenas um mundo melhor.

E pensar que nós somos frutos da “jihad islâmica”.

O Conde Henrique de Borgonha recebeu de presente o Condado Portucalense entre o Minho e o Douro por seu valor na luta contra os mouros. Assim surgiu o nosso querido Portugal.

Os mouros eram os árabes que tinham invadido a Península Ibérica.

Hoje, quando falamos terroristas islâmicos não estamos falando apenas em árabes.

E, por trás da luta em nome da religião se esconde a aspiração ao poder político.

Qual o desejo do Talibã? Que pretende o Hamas? Que trilhas vai percorrer o Boko Haram até alcançar as verdades de sua fé?

A luta interna agrava o problema. A Comunidade Internacional assiste, perplexa, às disputas entre xiitas e sunitas.

Só vejo uma solução. Que a Organização das Nações Unidas convoque os países exigindo a construção de uma cidade sem templos, em que as pessoas possam professar sua fé dentro de suas casas, sem

se preocupar com o comportamento dos vizinhos.

Nós estamos assistindo ao crescimento de toda uma geração em campos de refugiados.

É uma dor muito grande! Que podemos esperar dessas crianças que veem seus parentes morrerem em embarcações precárias no Mediterrâneo? Crianças que passam fome, frio, que não têm escolas?

Países pequenos com grande número de desempregados não podem dar refúgio a este grande contingente que é expulso por verdadeiras aves de rapina que se transformam em donos das Forças Armadas.

Não se pode admitir apoio bélico. Os civis têm de ser protegidos.

As guerras só vão terminar por falta de armas e por falta de comida.

A passagem do Islã dos árabes deixou marcas benfazejas de uma cultura valiosa. Hoje a passagem do Islã multifacetado destrói o Patrimônio da Humanidade.

Abigayl Lea da Silva

Mais que Lula, o povo quer o Brasil de Lula

Pelo estado da Bahia, a caravana do ex-presidente Lula iniciou sua peregrinação pelo país nesta semana. Quem pensava que Lula estava politicamente morto tem se surpreendido com repetidas cenas de carinho e acolhida da população ao ex-mandatário. É um verdadeiro reencontro de Lula com o povo, com o Brasil.

Nossa gente não se esqueceu do progresso e do período de prosperidade que a Nação conheceu durante os anos em que o presidente operário governou o país. Não digo isso somente quanto aos números frios da economia, mas, sobretudo, ao que se refere à redução das desigualdades sociais, à inclusão de minorias historicamente esquecidas e menosprezadas, ao acesso da população de baixa renda às universidades. O Brasil cresceu com Lula. Nosso país ficou do tamanho de nosso povo.

Lula é o maior líder popular que esta nação já viu. Conhece as dores do povo. Sofreu-as em sua própria carne. Sua história é a história dos pobres, dos retirantes. Sua liderança avançou para além de nossas fronteiras. Nunca um brasileiro foi tão respeitado dentre os líderes mundiais. Seus programas de inclusão social foram elogiados e premiados pela ONU e serviram de modelo para nações pobres. Recebeu vinte e quatro títulos de doutor honoris causa em universidades de diversos países.

Hoje temos uma realidade muito diferente da era Lula: a fome volta a afligir nossa gente, cresce exponencialmente o número de brasileiros que vivem abaixo da linha de pobreza, direitos são retirados dos trabalhadores, temos níveis altíssimos de desemprego, as riquezas naturais de nosso país são leiloadas a preços de banana e entregues ao capital financeiro internacional, nossas matas são devastadas pelo agronegócio com a cumplicidade do governo ilegítimo, as terras são vendidas a estrangeiros enquanto deveriam ser democratizadas, nossas universidades públicas estão indo à bancarrota, as forças armadas com o orçamento reduzido a ponto de nossa defesa ser ameaçada,

o SUS ferido de morte com o congelamento dos investimentos públicos, o salário mínimo sendo reduzido enquanto os supersalários do Judiciário e dos políticos crescem a olhos vistos. Se nos tempos de Lula respirava-se democracia, somos hoje governados por uma corja de corruptos que tomou o poder por meio de um sórdido golpe de estado. Esses canalhas implantam no Brasil, a toque de caixa, exatamente o programa neoliberal derrotado nas urnas na última eleição presidencial.

Embora Lula tenha todos esses merecimentos e seja tão admirado, o povo, mais que saudades do ex-presidente, tem saudades de um Brasil que seja de todos os brasileiros, que dê oportunidades para todos, que cuide dos mais fracos, que divida um pouquinho a riqueza com os que nada possuem. Nossa gente, mais que saudades de Lula, tem saudades da democracia, tem desejo de que nosso país avance ainda mais na democracia, não que retroceda. As pessoas querem que o nosso país democratize mais o acesso à educação, que democratize as terras, que democratize o acesso aos bens de consumo, democratize os aeroportos, os meios de comunicação social. Nossa gente quer que haja democratização da moradia digna, do atendimento de qualidade nos hospitais. Os brasileiros não querem perder direitos, querem ter mais direitos, querem uma sociedade mais justa, menos desigual. O povo de nosso país não quer voltar a passar fome, quer fazer três refeições por dia como Lula ensinou a todos nós que é possível.

As pesquisas eleitorais são unânimes em afirmar a preferência do eleitorado brasileiro por Lula. Na verdade não é simplesmente Lula que o povo quer, o povo quer aquilo que Lula representa. Nossa gente não aceita mais um Brasil para poucos. O povo brasileiro quer de volta o Brasil de Lula, o Brasil que incluiu os pobres, que criou oportunidades para todos. Um Brasil soberano e livre, que vive, trabalha e se constrói de cabeça erguida.

Pe. Fabrício Beckmann

A Gazeta nas linhas de fogo da Frente Norte

Mais do que um simples levante político-militar do estado de São Paulo contra o governo provisório de Getúlio Vargas, a Revolução Constitucionalista revela conflitos políticos, sociais e econômicos que, nos últimos anos, vêm sendo analisados e reavaliados. Direta ou indiretamente, uma parcela ponderável dos sete milhões do estado de São Paulo foi abalada e arrastada pelos acontecimentos daqueles três meses de luta. Foram mobilizados, do lado paulista, cerca de duzentos mil voluntários. Participaram dos combates perto de sessenta e seis mil soldados, entre voluntários e tropas regulares do Exército e da Força Pública.

Passados 85 anos daquele conflito, os testemunhos dos sobreviventes, tanto escritos quanto orais, dão conta do entusiasmo da população que vibrava pela “causa sagrada da lei e da Constituição”. A Revolução de 1932, além de responder à questão de cunho marcadamente econômico e de disputa pelo poder político nos planos estadual e federal, coloca em evidência a participação ativa de pessoas que nem de longe atinavam com o que se passavam nos recônditos dos quadros políticos e dos grandes interesses econômicos.

A Revolução eclodiu na noite de 9 de julho, um sábado. No dia 10, tropas já se

deslocavam para o Vale do Paraíba, palco principal de grandes momentos desse conflito. No dia 11, segunda-feira, levadas de soldados desembarcaram na Estação Ferroviária Rodrigues Alves, de Piquete, dirigindo-se para pontos estratégicos da estrada para Minas e abrindo trincheiras na crista da Mantiqueira. A população, desavisada do ocorrido, assustou-se com o movimento crescente. Refugiou-se na zona rural. Os oficiais da Fábrica de Pólvora sem Fumaça, sob a direção do coronel José Pompeu Cavalcante, se mantiveram fiéis ao governo federal. Criou-se um impasse. O operariado, em grande parte paulista, aderiu ao movimento.

A fim de criar um clima favorável às ideias constitucionalistas e manter vivo o ardor da população paulista, a propaganda ocupou lugar de vanguarda. Lançou-se mão de três ferramentas largamente utilizadas na formação da opinião pública: a imprensa, o rádio e os oradores, que se multiplicaram na capital e nas caravanas patrióticas que percorriam as cidades do interior.

À imprensa escrita atribui-se a campanha mais sólida e bem urdida contra os interventores e também a incumbência de forjar argumentos que levassem a população a aderir às ideias de democracia, liberdade

etc., incitando leitores contra o inimigo dos paulistas. No transcorrer da luta armada, procurou manter elevado o moral da retaguarda e da linha de combate. Toda a imprensa paulista se empenhou em informar e formar a assim chamada “opinião pública”.

Relendo as dezenas de exemplares dos jornais que circularam nos meses de revolução noticiando a chamada Frente Norte ou do Vale do Paraíba, as manchetes são ufanistas: “Arrefece o ímpeto das tropas dictatoriais”, “Os soldados da Lei mantêm valentemente as posições conquistadas”, “É excelente a situação de nossas tropas em todas as frentes”, “É admirável o entusiasmo de nossos soldados”, “Os soldados da Lei e da Liberdade ampliam e consolidam as posições conquistadas”...

No domingo de 14 de agosto de 1932, o jornal *A Gazeta*, editado em São Paulo, foi distribuído em grande número na região. Com a manchete “A Gazeta nas linhas de fogo da Frente Norte”, trazia nas primeira e última páginas dezenas de imagens tiradas em Piquete e região.

Rememorar este evento que marcou nossos antepassados é de fundamental importância para que não se perca esse importante capítulo da história de Piquete e do estado de São Paulo.

